



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de Marília



**CULTURA
ACADÊMICA**
Editora

Achille Loria

Gianfranco Ragona

Como citar: RAGONA, G. Achille Loria. *In:* PASSOS, R. D. F dos; ARECO, S. M. (org.). **Gramsci e seus contemporâneos**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2017. p. 91-114.
DOI: <https://doi.org/10.36311/2017.978-85-7983-881-1.p91-114>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

ACHILLE LORIA

Gianfranco Ragona

LORIA, MARX E O MARXISMO

Personalidade exuberante, sempre disposto a se distinguir e se destacar, Achille Loria (1857-1943) ocupou um lugar de relevo no mundo intelectual italiano e internacional durante os séculos XIX e XX¹. Estudioso extremamente prolífero e, por vezes, engenhoso, foi docente universitário em Siena, Padova e Turim, ainda que a atividade de ensino e o relacionamento com os seus alunos não estivessem entre suas predileções (ALLOCATI, 1990, p. XI; D'ORSI, 2000b, p. 98).

No campo político, Loria foi admirado por expoentes importantes do socialismo italiano da época, em particular por Filippo Turati, Leonida Bissolati e Enrico Ferri, velhos companheiros de estudos no *Ateneo* de Bolonha. No entanto, recebeu críticas, tanto pessoais como aos seus trabalhos, das principais figuras do marxismo europeu: Friedrich Engels, Antonio Labriola e, mais tarde, Antonio Gramsci, que não poupou os tons mais ásperos em sua polêmica. O último, em particular, contribuiu de maneira decisiva na determinação da desventura que viria a acompanhar o nome de Loria no percurso do século XX, com observações pontuais em seus primeiros escritos e em seguida, no período do cárcere, forjando uma verdadeira e própria categoria, que do “ilustre” economista recebia o nome: lorianismo.

¹ Sobre a recepção de Loria em contextos extra italianos, cfr. a obra de Varejão (2000) sobre sua fortuna na América Latina e Marchionatti (2000) sobre o eco de suas ideias na Grã Bretanha.

Na última parte do século XIX, a figura de Loria foi parcialmente reavaliada por um coro multidisciplinar intenso que buscava contextualizar obra e ideias (D'ORSI, 2000c). Na economia, Loria foi decididamente antimarginalista (antes, um estimador de Marshall): contestava a noção de utilidade da Escola austríaca, sobretudo, por seu caráter atomista, que a tornava inutilizável do ponto de vista da análise profunda dos fatos econômicos. O seu pensamento amadureceu nas décadas em que desenvolveu uma tese fundamental, enunciada de modo precoce, e inspirada em uma mistura não totalmente coerente de Ricardo e Marx: a evolução de cada sociedade histórica poderia ser entendida partindo-se da estrutura da propriedade fundiária, que com o capitalismo progressivamente concentrou-se em razão da ocupação de terras antes livres, o que determinou a compressão do lucro em relação à renda e a compressão dos salários em relação ao lucro (LORIA, 1880; 1889; 1899). Se a apropriação de terra era a base da exploração capitalista, o Estado deveria intervir para estimular a difusão da pequena propriedade agrícola e o desenvolvimento da cooperação (FAUCCI, 1978; FAUCCI-PEERI, 2000). Uma perspectiva que revelaria, segundo alguns estudiosos, o horizonte ideal autêntico de Loria, já não um pensador socialista e socializante, mas adepto de uma mais genérica democracia dos produtores (SCAVINO, 2000). Nem mesmo a perspectiva de classes lhe era simpática, uma vez que, valorizando a noção de “trabalho improdutivo”, ele negava a hipótese de uma polarização do mundo capitalista em duas classes principais, apontando a existência de uma mais rica articulação social baseada nos múltiplos interesses contrastantes.

As avaliações do marxismo nos confrontos de Loria foram, portanto, muito difíceis, desde a sua entrada na cena cultural. Símbolo dos piores defeitos daquele socialismo que, no quadro de um geral sincretismo, tornavam evidentes os estigmas do positivismo, o Loria por vezes “nebuloso”, “imprudente”, “estudioso sem consciência”, “charlatão”, foi, contudo, o primeiro a informar o público italiano sobre o trabalho teórico de Karl Marx, nas obras em que acreditava ter descoberto o método de análise da realidade social, aplicado em seu trabalho sobre *La rendita fondiaria e la sua elisione naturale* (LORIA, 1880). Loria se dirige diretamente ao autor do *Capital*, buscando receber uma avaliação de seu grande esforço e, incidentalmente, para lhe oferecer colaboração, como secretário. A

circunspeção inicial de Marx indica uma suspensão de julgamento sobre o jovem obsequioso, mas rapidamente, entre 1881 e 1883, a sua opinião se torna precisa quando desaprova sem desculpas “[...] a adulação doentia privada em seus confrontos e o comportamento público de ‘superioridade’, bem como algumas falsificações de minhas opiniões” (BRAVO, 1992, p. 208).

Na realidade, Loria havia contraído dúvidas importantes sobre o *Capital* e, no ano de 1822, em viagem à Londres, se confrontou com Engels e outros hóspedes, entre eles, as filhas de Marx, Eleonor e Jenny. Em sua memória, o evento teria sido sedimentado de maneira pitoresca e repleta de amor próprio: “Aqueles pensadores poderosos, que sabiam de modo audaz pairar sobre os picos mais altos de abstração, não foram capazes de resistir à terra firme da discussão científica e do raciocínio rigoroso” (LORIA, 1927, p. 48). Com um testemunho passado por Engels e entregue como prestação de contas em favor de outra filha de Marx, Laura Lafargue, surge, por sua vez, uma interpretação distinta: os hóspedes londrinos haviam ridicularizado Loria, tanto que – escrevia Engels, sem saber que em breve os tons cáusticos tiveram que deixar o palco para a crítica – “[...] acredito que o pobre pedante já tenha o suficiente de nossa ‘sarcástica’ companhia.” (BRAVO, 1992, p. 210).

A morte de Marx representou uma reviravolta, quando em dois escritos sucessivos, um em italiano na *Nuova Antologia* (LORIA, 1883), outro em francês publicado no *Journal des économistes* (LORIA, 1884), Loria assinalou seriamente suas relações com a teoria do socialismo científico, revelando como as suas perplexidades não eram razoáveis. Tais relações concerniam principalmente o tema da transformação do valor em preço, um problema mais tarde muito discutido no âmbito do marxismo, mesmo no que diz respeito à ligação entre o primeiro Livro do *Capital* e seus sucessivos.

Em sua primeira contribuição, Marx vinha classificado entre os seguidores do hegelianismo, mesmo que tivesse substituído do mestre a Ideia a qual o princípio da história era seu “instrumento técnico”. O conceito não se encontrava desta forma na obra marxiana, ao contrário, aparecia como muito mais significativos aqueles conceitos relacionados aos “meios de produção” e “modo de produção”, para não mencionar a

categoria de “força produtiva”, que compreendia também o fator subjetivo, a força de trabalho. Acusando, em seguida, a teoria “teleológica” de Marx de ser uma mera tradução em termos sociológicos das afirmações darwinianas acerca da origem da espécie, a perspectiva se manifestava desde o início em favor da simplificação, um “novelo muito emaranhado” havia notado Croce (CROCE, 2001, p. 52-54)².

No plano econômico, Loria contestava o caráter fideísta da determinação do valor dos bens com base na quantidade socialmente determinada de trabalho contida nela, convicto de que na realidade fossem livres dinâmicas de mercado a determinar os preços, de modo algum coincidentes com os seus valores. O estudioso se inseria, assim, entre os fundadores de uma corrente de reflexão crítica, composta entre outros por Eugen von Böhm-Bawerk e Ladislus von Bortkiewicz, mas parecia também apanhar as ideias de um outro velho adversário de Marx e de Engels, Eugen Dühring. Loria estava convencido de que Marx tinha plena consciência da contradição entre a teoria do valor e a da realidade fenomênica, de modo a deixar inconclusa sua *Economia*, abandonando a ideia de dar sequência ao primeiro volume do *Capital*. Tal insinuação e ataque à escassa cientificidade de Marx convenceu Engels a lhe escrever uma carta pessoal, depois publicada em 27 de maio de 1883 em *Der Sozialdemokrat* de Zurique, na qual rotulava o economista italiano como um perturbado, desmentindo-o inclusive com o anúncio da eminente publicação do segundo Livro (MARX; ENGELS, 1964, p. 296).

Loria naturalmente não ficou em silêncio e confirmou em uma nova intervenção as suas obsessões (fundadas – advertia – em “trabalhosa pesquisa”), que ele considerava reforçadas pelo fato mesmo de que o seu antagonista não “sabia de modo algum contestá-lo” (LORIA, 1884, p. 137). Assegurava que as hipóteses fundamentais de Marx baseavam-se sobre a convicção de que o capital constante empregado no processo de produção não gerava mais-valia, o que significava necessariamente admitir

² Anos mais tarde, Gramsci retornaria à questão da simplificação de Marx: nos *Cadernos*, enquanto conduzia um exame atento de uma contribuição teórica de Nikolai I. Bukharin, estigmatizara o caráter genérico do russo utilizando como comparação o próprio Loria, exemplo paradigmático de um “modo de pensar barroco” (Q11, p. 1441). As mesmas palavras, empregadas por Croce, se encontravam no artigo *Achille Loria e il socialismo*, incluso na edição piemontesa de *Avanti!* de 29 de janeiro de 1918: o eminente professor é definido como “perturbado e confuso” (GRAMSCI, 1958, p. 163). Sobre a relação de Gramsci com o pensamento de Croce, cfr. Matteucci (1977).

a existência de uma diferente taxa de lucro entre as indústrias de alto conteúdo de capital variável (única fonte de mais-valia) e aquelas de alto emprego de capital fixo:

Isto é absolutamente incompatível com a concorrência entre capitalistas, e torna logicamente impossível, irracional, a existência das indústrias que exigem uma forte proporção de capital fixo, ou, ainda mais, de cada indústria outra do que aquela que exige a mínima proporção de capital variável (LORIA, 1884, p. 138).

Marx compreendeu que a taxa de lucro não podia ser diferente nas diversas indústrias, mas havia deixado inesperadamente para à prossecução de sua obra a solução do mistério: “[...] ao socialista alemão se é concedido a licença arquitetônica de construir o topo de seu edifício, referindo-se ao cuidado futuro de assegurar suas bases.” (LORIA, 1884, p. 139), afirmava Loria, negligenciando, contudo, dois aspectos cruciais do esforço teórico do autor do *Capital*. Em primeiro lugar, a sua análise da economia política era de natureza crítica e girava em torno da tentativa de integrar os aspectos quantitativos àqueles qualitativos: o valor constituía uma relação quantitativa entre produtos, mas ao mesmo tempo uma relação determinada entre os produtores, ou seja, entre os homens e entre as classes que se agitavam no âmbito dos fenômenos efêmeros da moeda e dos bens. O que, de fato, estava por trás do valor? Nada mais do que o trabalho em geral, o “trabalho abstrato”, determinado historicamente pelas relações sociais entre capitalistas e trabalhadores. Em segundo lugar, a insistência sobre os volumes ausentes ignorava a articulação interna do projeto, explicitada na introdução ao *Primeiro Livro*: depois de compreender o processo de produção, Marx pretendia examinar o tema da circulação do capital e, ao fim, propor uma síntese do processo global. Loria acusava Marx de uma lacuna, sem se dar conta de seu programa (MARX, 1975, p. 7).

As ideias de Loria se difundiram na Itália desta forma, não somente no mundo intelectual, mas também no político, o que alarmou Antonio Labriola, preocupado a respeito das nefastas consequências que teria uma similar recepção do marxismo sobre o movimento socialista. Em correspondência com Engels, o filósofo napolitano estigmatizara mais uma vez a duplicidade de Loria, que se apresentava hora como

leitor competente e continuador da obra marxiana, hora como flagelo dos vícios da mesma teoria; às vezes, atuando como socialista, outras vezes, vestindo as roupas de um antissocialista. Loria, explicava Labriola ao interlocutor, não era ao certo um “corretor” de Marx, mas sim uma expressão paradigmática dos retardos culturais e políticos da Itália, que havia acabado de alcançar a Unidade (FIOROT, 1990; BRAVO, 1992). Em tais observações se reconhecem os tons com os quais Engels atacou o economista italiano, nada menos do que na *Introdução* ao tão esperado *Livro Terceiro*. Direcionando-se ironicamente ao “Mestre”, escreveu palavras que se tornaram célebres:

Desfaçatez sem limites, enguia a deslizar por situações impossíveis, desprezo heroico aos pontapés recebidos, rapidez no apropriar-se de trabalhos alheios, impertinente propaganda charlatanesca, promoção da glória pelas confrarias: em tudo isto, quem chega aos pés de Loria? A Itália é a pátria do classicismo. Desde o grandioso tempo em que nela surgiu a aurora do mundo moderno, gerou protagonistas ciclópicos, de Dante a Garibaldi, de perfeição clássica nunca antes atingida. Mas, também a época da humilhação e do domínio estrangeiro trouxe-lhe caracteres clássicos, entre os quais dois especialmente elaborados: Sganarell e Dulcamara. A unidade clássica de ambos se corporifica em nosso *ilustre* Loria (ENGELS, 1975, p. 24).

Turati – que nunca poupou os juízos mais lisonjeadores sobre Loria – contrastou a tradução do escrito engelsiano na *Critica Sociale*, ao qual Engels aparentemente se dispôs a absolver, tendo como base sempre a sua avaliação a respeito do atraso do movimento socialista na península. Mas se tratava, de fato, de um atraso? Talvez o socialismo italiano não fosse de tal forma inábil e desordenado, mas agisse com base num consciente *ecletismo*: para se expandir, o movimento socialista deveria se tornar popular, atraente “[...] aos mais diversos paladares”, uma teoria mais aberta do que aquela que parecia se desenhar a partir do pensamento de Marx seria funcional ao objetivo de inserir no Partido setores da pequena e média burguesia, assim como os intelectuais (SCAVINO, 2000, p. 203). A virulência demonstrada por Labriola em relação a Turati parecia se fundar sobre a própria consciência de que estas características do socialismo nacional eram frutos da vontade política de seus principais dirigentes e não apenas do imperativo da história.

Depois de ler em alemão as páginas que Engels havia lhe dedicado em 1894, Loria pegou a caneta novamente (LORIA, 1902) para escrever triunfalmente que as velhas hipóteses sobre a incompletude da obra marxiana haviam se confirmado: o volume proposto ao público não era outro senão um apanhado de notas inconclusas, que Marx não tinha publicado por uma razão – estava consciente da contradição ainda não resolvida acerca da “transformação”. Ainda mais: o livro primeiro, no qual o autor havia postulado que o valor seria determinado pela quantidade de trabalho contido nos bens e que as trocas seriam baseadas nestes valores, estaria claramente em contradição com o terceiro, onde, ao contrário, o alemão havia reconhecido a exclusão objetiva entre uns e outros, depois fornecendo hipóteses, sem demonstração, da igualdade da soma total do valor produzido em um determinado tempo e a soma dos preços. Tratava-se de uma “mistificação”, polemizava o mantuano, de um “falimento teórico”, ou mesmo de um verdadeiro e próprio “suicídio científico”: o “sistema marxista”, em uma palavra, havia demonstrado toda a sua inconsciência científica (POTIER, 1986; FAVILLI, 1980).

Em definitivo, enquanto se defendia dos ataques pessoais que havia recebido há pouco, Loria não trazia novos argumentos ao debate. De resto, sobre um ponto, ao menos, ele tinha razão: nos últimos anos de vida, Marx havia nutrido dúvidas sobre a publicação de novos volumes do *Capital*, o que apareceu postumamente como fruto legítimo do trabalho de composição de seu companheiro, embora isso tivesse acontecido por razões que pouco ou nada tinham a ver com a contradição entre a teoria do valor exposta no primeiro livro e a da teoria dos preços de produção argumentada no terceiro (Cfr. RUBEL, 1968, p. CXVIII-CXXI).

Com o escrito de Engels, as bases do *damnatio memoriae* foram, no entanto, sepultadas. O término foi afixado por Benedetto Croce:

Com a acusação de Engels e ainda mais com a defesa de Loria, verdadeiramente compassivo pelo constrangimento e pelas desculpas demandadas, o processo pode se considerar fechado [...]. As palavras adotadas por Engels contra Loria, e o prefácio de um livro como o *Capital*, têm muito peso, e seria pouco útil, e também pouco generoso, insistir na acusação (CROCE, 2001, p. 36-37).

Por alguns anos a polêmica foi arquivada até que chegasse a hora de Antonio Gramsci, que contribuiu de maneira decisiva a sancionar a decadência do economista, há muito celebrado “imprudentemente” como o Marx italiano (D’ORSI, 2000a, p. ix), e que talvez justamente em razão desta máscara, havia chamado e chamava a atenção de jovens que frequentavam as suas aulas em Turim. É o caso surpreendente, mas paradigmático, de Palmiro Togliatti, aluno apaixonado e exemplar da *Facoltà di Giurisprudenza dell’ Ateneo* entre 1911 e 1915, ano no qual obteve o Título *cum laude* apresentando uma dissertação em Economia Política. Por muito tempo a historiografia aceitou e avaliou a “lenda” de que ele havia debatido os argumentos de sua tese com Luigi Einaudi, também porque em vida o mesmo protagonista não fez nada para corrigi-la. De resto, o futuro Presidente da República, economista liberal celebrado e respeitado, era bem mais apresentável do que o verdadeiro relator. Somente em anos recentes a pesquisa dissipou as nuvens que por tanto tempo envolveram esta história, e isto apesar do desaparecimento do fascículo togliatiano dos arquivos universitários: foi Loria e não Einaudi – cujas aulas de Ciência das Finanças, contudo, Togliatti seguiu avidamente -, quem escreveu o registro na sessão de atribuição de Grau em 27 de novembro de 1915 (D’ORSI, 2007, in partic. p. 40-44). As razões das sombras sobre os eventos que surgiram no segundo pós-guerra devem ser reconduzidas às reflexões de Gramsci sobre o lorianismo, que não podiam deixar indiferente o primeiro editor dos *Quaderni*: Togliatti havia certamente julgado o professor mantuano como um “charlatão” (AGOSTI, 1996, p. 8-9), mas a ele havia também confiado a conclusão de seu percurso universitário. Em sede historiográfica, avançou-se numa explicação congruente com o itinerário político e cultural do personagem:

Teria sido, para dizer a verdade, inconveniente para Togliatti, o Togliatti pós-gramsciano, o seu mais fiel companheiro de luta, autocreditado intérprete oficial de Gramsci-pensamento, além de seu continuador político, [...] admitir que o responsável de sua tese tenha sido, na realidade, justamente o tão criticado e insultado Loria, insultado por Gramsci, e antes ainda, pelas vozes mais genuínas do marxismo, por Engels e Labriola. (D’ORSI, 2007, p. 43).

Mesmo que se tratasse de um pecado perdoável e não de uma mancha indelével sobre o mais importante secretário do Partido comunista italiano, seu passado arranhou sua imagem de dirigente a uma parte, comum a uma tradição que havia já transformado Marx, Engels, Lênin e Stalin em heróis de um itinerário linear, sem contradições, na qual a teoria e a prática conviveram sempre harmoniosamente, com as passagens juvenis a antecipar, explicar e mesmo para refletir a grandeza da maturidade.

LORIA E “LORIANISMO” NA REFLEXÃO DE GRAMSCI

O “fenômeno Loria” ocupou os pensamentos de Gramsci de fim de 1915, quando em páginas turinenses de *Avanti!* formulou uma irônica invocação de *Piedade à ciência do prof. Loria*. O artigo, surgido anônimo, não era combativo apenas no título: o docente do *Ateneo* de Savoia se encontrava incluído entre “os vulgares golpistas da inteligência”, porque no curso de uma conferência organizada no principal lugar piemontês pela “*Gazzeta del popolo*, órgão de abastardamento político e intelectual de turinenses”, havia experimentado pateticamente reduzir a guerra em curso a uma dentre as tantas manifestações da dor do mundo (GRAMSCI, 1915, p. 11-12. Cfr. também GRAMSCI, 1916, p. 7-8)³. O ataque contra a “ciência ruim” de Loria renovava as polêmicas sobre o materialismo histórico que haviam envolvido Engels, Labriola e Croce, embora a velha diatribe, que certamente o jovem sardo conhecia muito bem,⁴ tenha sido apenas evocada. Neste período, Gramsci estava principalmente preocupado com a influência nefasta, enfraquecida no tempo, mas não extinta, que com os seus discursos de “pastor quaker” Loria exercitava no socialismo italiano (GRAMSCI, 1917, p. 113)⁵. Sobre este exemplo, ainda em 1916 tornou ao ataque, também com a arma do sarcasmo, lembrando “[...] a tese [loriana] da depressão da renda, causa principal da guerra.” (GRAMSCI,

³ GRAMSCI, Antonio. Pietà per la scienza del prof. Loria. In: *Avanti!*, XXI, n. 348, 16 de dezembro de 1915. Artigo publicado na coletânea *Per la verità. Scritti 1913-1926* (GRAMSCI, 1974). GRAMSCI, Antonio. E lasciateli divertire. In: *Avanti!*, edizione piemontese, 9 de janeiro de 1916. Artigo reunido em *Sotto la mole* (GRAMSCI, 1960).

⁴ Não por acaso, em 1918 Gramsci lembraria “o rude golpe de bastão” lançado por Engels a Loria (GRAMSCI, 1918, p. 49).

⁵ GRAMSCI, Antonio. La scala d'oro di Achille Loria. In: *Avanti!*, edizione piemontese, 17 de maio de 1917. Artigo publicado na coletânea *Scritti giovanili* (GRAMSCI, 1958).

1916, p. 27)⁶, quando depois de dois anos, em *Grido del popolo*, aumentou a dose estigmatizando a imagem do “homem santo” que Loria havia se tornado aos olhos de muitos trabalhadores. Escrevia:

Lendo os escritos de Achille Loria, quem tem um forte senso de crítica, se pergunta se ele é um louco melancólico ou um homem genial. Porque em Loria tem um e tem outro. Raios de luz e escuridão idiota, trabalho consciencioso e tolice incrivelmente profunda. O seu pensamento não tem qualquer congruência; a autocrítica é negada ao seu raciocínio desorganizado [...]. Ele não tem senso de distinção; confunde tudo, gigantes e pigmeus, verdades e despropósitos, imagens e conceitos, metáforas e argumentos (GRAMSCI, 1918, p. 49)⁷.

O juízo sobre o caráter histriônico do “descobridor de todas as descobertas” e “teórico de todas as teorias”⁸ foi comprovado a partir da publicação de um breve esboço de Marx composto por um olhar popular de Loria e difuso pelo editor genovês Formiggini durante a guerra. Neste, entre observações documentais sobre a vida e as ideias do protagonista, o Autor inseria bizarras e falsa informações: como o relato, por exemplo, de que no exílio londrino Marx havia se estabelecido chefe de um cenáculo “[...] ao qual nenhum homem poderia ser admitido se não se sujeitasse a um severo exame sobre as ciências mais variadas e em especial sobre a economia política [...] e mais ainda (sombra de Lombroso se alegra!) a uma exata medição craniométrica” (LORIA, 1916, p. 23). Tratava-se de uma enésima prova daquela “trivialidade espiritual” que levava Loria a negligenciar os deveres do homem de ciência em favor do diletantismo. Em um artigo de 1918, significativamente intitulado *Os critérios da vulgaridade*, Gramsci esclareceu:

Nós continuaremos a chamar de vulgares homens, quando estes operam vulgarmente, quando manifestam um *pensamento* vulgar, também se exprimem o pensamento de forma elegante (e esta elegância

⁶ GRAMSCI, Antonio. Parole! parole! Parole! In: *Grido del popolo*, XXV, n. 605, 26 de fevereiro de 1916 (GRAMSCI, 1974).

⁷ GRAMSCI, Antonio. Achille Loria. In: *Grido del popolo*, 19 de janeiro de 1918 (GRAMSCI, 1968).

⁸ “Ele é o descobridor de todas as descobertas, o teórico de todas as teorias, o mergulhador indefeso que do oceano assustador de todos os mistérios humanos traz as cintilantes e preciosas pérolas do conhecimento e da sabedoria”. *Le cause della guerra*. In: *Avanti!*, edizione piemontese, 17 de setembro de 1918 (GRAMSCI, 1960, p. 437).

é somente aparência vistosa, sequer arte), mesmo que operem com luvas e salvando as formas exteriores. (GRAMSCI, 1918, p. 198)⁹.

Que um tal intelectual fosse elevado a *mâitre à penser* do Partido socialista havia de que se preocupar Gramsci, que lembrava as antigas mas sempre atuais palavras com as quais Croce havia estigmatizado a “universal reputação de inteligência” da qual Loria desfrutava naquele ambiente¹⁰. Mesmo depois da fundação do Partido comunista da Itália, o professor “tão admirado pelos reformistas” (GRAMSCI, 1921, p. 158-160)¹¹ não foi esquecido e até os últimos meses de liberdade, como forma de atacar toda vez que o fascismo se consolidava e o antagonista se sentava sobre os bancos do Senado do Reino, Gramsci continuou a manter perante o público ludíbrio a figura deste “aventureiro da ciência” (GRAMSCI, 1926)¹², com exemplos paradigmáticos de seu método:

O notável professor Achille Loria descobriu, quando apareceram as primeiras aeronaves, uma solução genialíssima do problema social. Segundo este maravilhoso exemplar da ciência universitária, teria sido suficiente multiplicar o número de aeronaves, polvilhar visco sobre as asas de cada máquina e voar. Todos, ao invés de trabalharem, voariam nutrindo os pássaros que inevitavelmente cairiam no visco (GRAMSCI, 1926b, p. 344).¹³

⁹ GRAMSCI, Antonio. I criteri della volgarità. In: Il Grido del Popolo, 23 de março de 1918 (GRAMSCI, 1958).

¹⁰ “Na Itália, em seguida [Loria] não somente desfrutou, nos últimos anos, da reputação universal de inteligência original e de descobridor de ‘novos horizontes’, mas foi singularmente amado no partido socialista, que, sem contá-lo oficialmente em suas fileiras, o considerou quase como o teórico italiano do socialismo” (CROCE, 2001, p. 35).

¹¹ GRAMSCI, Antonio. Cronache della verità, “Falce e martello”, II, n. 15, 11 de junho de 1921 (GRAMSCI, 1974). O juízo de Gramsci sobre o socialismo italiano, que ao invés de lutar por resultados concretos aguardava ao advento do socialismo como se devesse ser um presente da história, renovava ainda a antiga avaliação crociana sobre o caráter “quietista” das teorias de Loria, “a despeito de todos os ares e declamações” (CROCE, 2001, p. 58).

¹² GRAMSCI, Antonio. Un avventuriero della scienza. In: l’Unità, 16 de março de 1926 (GRAMSCI, 1974).

¹³ GRAMSCI, Antonio. La nuova pietra filosofale ovvero: il socialismo dell’«Avanti!». In: l’Unità, III, n. 258, 30 de outubro de 1926 (GRAMSCI, 1974). Gramsci se refere ao artigo *As influências sociais da aviação*, originariamente publicado na *Rassegna contemporanea* de janeiro de 1910, republicado em Loria (1915, p. 379-386), onde se pode ler: “Hoje, de fato, o trabalhador que se recusa a servir na qualidade de assalariado, ao lucro de um capitalista, não tem outra perspectiva, sequer a morte por inanição, ou a reclusão no hospício ou no cárcere. Mas tudo isso mudará de repente, quando o operário, relutante a entrar na fábrica, ou banido desta, encontrar um avião, que os levante aos espaços. Vocês diriam, certamente, com aquele sorriso irônico que tudo congela e mata, que os livres espaços não alimentam. E porque não? Mas porque não sobre os futuros aviões não poderão dispor-se das folhas e do visco, criando formidáveis caças de aves, às quais assegurariam aos viajantes aéreos um alimento abundante e gratuito? E é então que os trabalhadores refratários poderão generosamente

Nos *Cadernos*, o tom de Gramsci mudou e as razões da aversão nos confrontos de Loria resultaram em uma reverberação diferente. Querendo legitimar um trato orgânico do lorianismo, explicava preliminarmente:

À parte o fato de um juízo “apaixonado” da obra geral de Loria e da aparente “injustiça” de colocar apenas um relevo às manifestações de seu talento, resta, para justificar estas notas, uma série de razões. Os “autodidatas” são especialmente inclinados, pela ausência de uma disciplina crítica e científica, a fantasiar regiões de abundância e fáceis soluções para cada problema. (Q 28, p. 2330-2331).

A propósito disso, Filippo Barbano esclareceu que o lorianismo dos escritos carcerários não se relacionava diretamente ao professor Achille Loria, transfigurado em uma categoria adaptável para caracterizar um amplo número de intelectuais ativos na Itália. Apresentava-se, em suma, uma cisão entre o lorianismo *in nuce* das primeiras intervenções, nos quais Gramsci contestava “um modo de ser intelectual privado”, e a introdução de uma tipologia que ora estigmatizava “um modo de ser cultural público” (BARBANO, 2000, p. 27-28). Gramsci notava, de fato, “que em Loria não falta o espírito de sistema e uma certa coerência e, ainda que as suas ‘bizarrices’ não sejam casuais, mas devidas a impulsos de diletantismo improvisador, elas correspondem a um substrato cultural que aflora continuamente” (Q 28, p. 2323). O acúmulo de materiais, de fatos e de informações de Loria, muitas vezes ornados de maneira extravagante, já não era apenas fruto de uma deformação individual, manifestação de estéril erudição de um docente universitário excêntrico. As consideráveis notas dos *Cadernos* abrangiam todo um mundo intelectual marcado por uma estrutural falta de perspectiva sistemática, que é capaz de inserir em uma visão universal e responsável os problemas particulares sempre que afrontados. Tornava-se objeto de observação “[...] um fenômeno geral de deterioração cultural, que talvez tivesse o inchaço mais vistoso no campo ‘sociológico’: as ciências sociais, na fase embrionária de seu desenvolvimento, refletiam de fato todos os limites do positivismo mais dogmático.” (Q 28, p. 2328)¹⁴.

se saciarem e escaparem vitoriosamente dos impérios do empresário capitalista” (LORIA, 1915, p. 381). Sem deixar de conceder a Loria o fato de ter tentado (sem sucesso) dizer que a inovação tecnológica permitiria que os trabalhadores se movessem livremente nos mercados em busca de melhores condições para a venda de sua força de trabalho, estas frases imaginativas parecem justificar plenamente o recorrente sarcasmo gramsciano.

¹⁴ “O fato é que Loria, cientista falsificável, economista discutido, sociólogo imaginoso e polígrafo, pode ser

Se não eram mais centrais as extravagâncias de Loria, primeiro com o seu marxismo emprestado e depois com o seu anti-marxismo, a ênfase literária, “a vaidade pueril de descobertas originais” (Q 11, p. 1438), agora também as nefastas consequências da admiração do socialismo italiano em seus confrontos foram deslocadas para um segundo plano. A visada de Gramsci se estendia sobre o plano nacional e internacional:

Loria não é um caso teratológico individual: é, ao contrário, o mais completo e finalizado de uma série de representantes de um certo estrato intelectual de um determinado período histórico [...]. Mas é de notar que cada período tenha o seu lorianismo mais ou menos completo e perfeito e cada país tenha o seu (Q 28, p. 2325).

Sobre estas bases, ao invés de fornecer uma descrição completa do conceito, Gramsci definia o lorianismo em negativo, elencando os seus piores aspectos: nenhuma organicidade e sistematicidade; ausência de espírito crítico; insuficiência de rigor científico na pesquisa; carência de organização; ausência de uma ética (cuja ligação com a política era fundamental para ele, já que a boa política era só aquela conforme ao fim); irresponsabilidade “sobre a formação da cultura nacional” (Q 28, p. 2321).

O lorianismo, efeito sintomático da desorganização dos intelectuais, era também o emblema de uma forma de “tratamento dos clérigos”, que Gramsci remontava ao *Risorgimento* com a “fraqueza e inconsistência orgânica da classe dirigente” inadequada para promover uma profunda reforma intelectual e moral (Q 19, p. 1977-1978). Em particular, assinalava ao Partido de Ação e seus intelectuais, a incapacidade de agir como alternativa ao bloco histórico moderado: se tivessem apoiado aos camponeses e sustentado as suas reivindicações de base (acima de tudo, a reforma agrária), movendo os intelectuais dos estratos médio-inferiores sobre suas próprias posições, através de um programa concreto de governo alternativo ao processo de unificação, teria sido possível criar uma nova formação nacional autenticamente liberal. Gramsci recuperava o exemplo dos Jacobinos, que na França havia imposto à burguesia sua tarefa histórica,

considerado como um tipo de compêndio de contradições, das disputas e ainda das questões que caracterizaram as ciências sociais na Itália, Europa e nas Américas, na passagem do século XIX para o XX” (BARBANO, 2000, p. 4).

empurrando-a para frente “a pontapés no traseiro” (Q 19, p. 2027) com vigor e determinação, e reprovava também os expoentes democráticos do modo risorgimental de abrir a estrada a um bloco agrário e latifundiário, permitindo entre outras coisas, ao lorianismo, criar raízes:

Mérito de uma classe culta, por ser sua função histórica, é dirigir as massas populares e desenvolver seus elementos progressistas; se a classe culta não for capaz de cumprir sua função, não se deve falar de mérito, mas de demérito, ou seja, de imaturidade e fraqueza íntima (Q 19, p. 2053).

Os homens que haviam feito o *Risorgimento*, em definitivo, enquanto ansiavam o nascimento de um Estado moderno italiano, originaram alguma coisa de híbrido e não conseguiram criar as condições para que se desenvolvesse uma classe dirigente madura e prospectiva: “A mesquinha vida política de 1870 a 1900, a rebelião elementar e endêmica das classes populares, a existência insignificante e atrofiada de uma classe dirigente cética e inativa é a consequência daquela deficiência [...]” (Q 19, p. 2053-2054).

Com o olhar centrado no presente, o lorianismo aparecia para Gramsci também como uma corrente, com algumas figuras principais acompanhadas de “elementos genéricos e vagabundos” (Q 28, p. 2328). Uma nota mordaz, consignada ao Caderno 9, testemunha como a ideia de uma “galeria” estava presente entre os projetos iniciais:

Ao início desta série de notas sobre o lorianismo poderá ser citada a história contada pelo barbeiro nos primeiros capítulos da segunda parte de *Dom Quixote*. O tolo recorre ao bispo para ser liberado do hospício, sustentando, em uma carta sensatíssima, ser sábio e por isso ter sido arbitrariamente segregado do mundo. O arcebispo envia seu mandatário, que se convence se tratar de uma pessoa de mente sã, até que com a saudação dos amigos do alegado sábio decorre a catástrofe. Um tolo, que diz ser Júpiter, ameaça que se o amigo for embora, ele não fará mais chover sobre a terra, e o amigo, temendo que o enviado do bispo se assustasse, disse-lhe: Não tenha medo porque o senhor Júpiter não fará mais chover, eu que sou Netuno, encontrarei um modo de remediar. Portanto, essas notas referem-se a autores que, em uma ou muitas instâncias de suas atividades científicas, demonstraram ser o “senhor Netuno” (Q 9, p. 1113).

A categoria de intelectual à qual Gramsci se referia era muito dilatada: se não compreendia todos os “escrevinhadores de domingo”, cada obscuro professor universitário ou qualquer político de profissão, certamente incluía cientistas, jornalistas e políticos que exercessem um papel nacional. Não era estranho, portanto, que à parte de sua avaliação severa, Gramsci reconhecesse aqui e ali papéis e méritos particulares dos protagonistas. A sua análise era rigorosíssima: os intelectuais deviam possuir todas as qualidades para formar a cultura nacional (sistematicidade, espírito crítico, centralização, planejamento, etc.) e certamente não bastava, maquiavelicamente, “parecer tê-las”. Era uma via típica do lorianismo, de fato, dissimular qualidades não possuídas, impondo ao crítico um trabalho fatigante de desvelamento, tanto mais difícil em seu caráter sutil, próprio ao senhor Netuno de Cervantes.

Na “galeria”, bem como Luigi Einaudi, autor de uma *Bibliografia* de Achille Loria (EINAUDI, 1932) e responsável por credenciar imagem séria e científica à obra do colega (Q 28, p. 2321),¹⁵ e Turati, que sempre apreciou a obra do mantuano, sendo um de seus amigos mais próximos, ao qual atribuía “uma autoridade científica por vezes superior aos seus méritos” (MONTELEONE, 1987, p. 143), apareceram personagens entre eles objetivamente coligados, como demonstração de que o lorianismo vivia historicamente no âmbito de uma rede de concretas relações, inclusive de natureza pessoal.

Gramsci, por exemplo, recordava o “entulho sem nenhum valor” de Roberto Ardigò (1828-1920) e, ao fim de sublinhar a importância da forma, que sempre dava força à reflexão e às argumentações, acusava o seu modo de exposição de “perversíssimo” (Q 16, p. 1851). Ardigò caía com pleno direito em uma genealogia do lorianismo, e em posição de primeiro plano. Ordenado padre em 1851, suspenso *a divinis* em 1869, se arriscou profundamente com obras na fronteira entre a filosofia e a psicologia, chegando a negar a existência de uma “causa primeira”. Abandonando totalmente a fé e a batina, se torna um adepto do positivismo no campo

¹⁵ Foi notado como, na realidade, nos *Cadernos* a influência de Loria sobre Einaudi foi superestimada: em primeiro lugar a *Bibliografia* era uma mera homenagem a um colega, não se tratava certamente de uma hagiografia; em segundo lugar, embora ele tivesse tido o fascínio na juventude – como muitos economistas de sua geração – ao final dos anos 1920, Einaudi havia sido completamente liberado daquele peso (FAUCCI, 1986, p. 277-279).

das ciências e da ideologia democrática e republicana na política. Antes de ter acesso à cátedra universitária (a partir de 1811 foi docente de história da filosofia no *Ateneo* de Padova), havia lecionado há muito tempo no *Liceo Virgilio* de Mântua, e entre os seus alunos – o que Gramsci talvez não soubesse – figuraram Loria e Ferri¹⁶. Não somente, em 1878 foi um dos colaboradores da “Revista Republicana” fundada em Milão por Arcangelo Ghisleri, se tornando uma referência importante para alguns jovens companheiros, entre esses, dois expoentes do lorianismo: Turati e Bissolati (BORTONE, 1962, *passim*).

Gramsci reservou, obviamente, amplo espaço ao socialista Enrico Ferri (1856-1929), estigmatizando-o por sua alegada “objetividade baseada na ignorância” (Q 8, p. 983-984.; Q 9, p. 1103). Positivista, docente de direito penal em Bolonha, Siena, Pisa e Roma, Ferri aderiu precocemente ao Partido socialista (1893), tornando-se também diretor de *Avanti!*, mesmo que admitisse a propriedade privada e refutasse a perspectiva de classes. Sem preconceitos (e por vezes oportunista) na vida do Partido, tornou-se nacionalista em 1911, portanto simpatizante do fascismo e, sobretudo de seu chefe, a quem reconhecia o carisma e a capacidade de interpretar as necessidades das massas. A Ferri, cuja associação com Loria foi caracterizada por intensa familiaridade e confiança recíproca¹⁷, Gramsci associava o turinense Alberto Lumbroso (1872-1942), erudito, escritor insistente, portador de uma historiografia de matriz crônica, repleta de detalhes, mas incapaz de interpretação, e Alfredo Trombetti (1866-1929), filólogo e linguista de Bolonha. Glória nacional para os jornais da época, emérito estudioso aos olhos dos católicos, já que havia difuso a ideia do desenvolvimento da linguagem por monogênese, que “[...] era a prova da monogênese da humanidade, com Adão e Eva como fundadores.” (Q 3, p. 365), Trombetti exemplificava uma das maiores características do lorianismo, a ausência de método, típica também de Ferri e Lumbroso. Gramsci recordava a polêmica sobre a alegada decifração do etrusco que havia envolvido Trombetti ao fim dos anos 1920, mas na verdade não estava interessado tanto no caso específico, mas na dedução geral que podia propor:

¹⁶ Sobre a amizade de longo curso entre Loria e Ferri cfr. Giacheri Fossati (2000, *passim*.)

¹⁷ Sobre as relações entre Loria e Ferri, retorno ao sábio documento de Luciana Giacheri Fossato, baseado sobre correspondência conservada no Fundo Achille Loria do Arquivo de Estado de Turim (GIACHERI FOSSATI, 2000, *passim*).

Nas ciências em geral o método é a coisa mais importante: em certas ciências, ainda, que necessariamente devem se basear sobre um conjunto restrito de dados positivos, restrito e não homogêneo, as questões de método são ainda mais importantes, se não a mais. Não é difícil, com um pouco de fantasia, construir hipóteses e dar uma aparência brilhante de lógica a uma doutrina: mas a crítica destas hipóteses põe a baixo todo o castelo de cartas e encontra o vácuo sob o brilhantismo. (Q 3, p. 366).

Por causa dos “absurdos” em seu trabalho científico (Q 28, p. 2332), foi inserido entre os lorianos de destaque também Guglielmo Ferrero (1871-1942), que contrário ao mundo acadêmico, no entanto, soube suscitar o interesse de vasto público, procurando incansavelmente lhe satisfazer o gosto: também ele, em suma, foi expoente de uma historiografia pouco inclinada ao rigor metodológico, preocupado, acima de tudo, em responder ao senso comum da época (TREVES, 1997, p. 20). Foi, todavia, um intelectual apreciado no exterior, não somente na Suíça, onde foi chamado à Universidade de Genebra, e ao *Institut des Hautes Études Internationales*, mas também nos Estados Unidos, estimado em particular pelo Presidente Roosevelt (BIANCOTTO, 1994). Influenciado pelo ensino lombrosiano, Ferrero foi aluno de Cognetti de Martiis (1844-1902), o habilitado economista fundador da escola econômica turinense,¹⁸ tão estimado pelo jovem Loria do período de Mantuano, quando Cognetti não apenas lecionava economia política no Instituto industrial e profissional, mas dirigia também a local *Gazzetta*. Justamente Cognetti Loria foi quem o sucedeu na cátedra de Economia política da Universidade de Turim em 1903, marcada desde o antecessor pelo caráter positivista.

O lorianismo também se espreitava nas atitudes de certos intelectuais exteriores. Gramsci apontava como exemplo a “arrogância” de um dos amigos mais próximos de Ferrero, Corrado Barbagallo (1877-1952), historiador desprovido de olhar crítico e portador de uma visão de mundo baseada na crença de “[...] que nada é novo sob o sol, que ‘todo o mundo é uma cidade’ que ‘quanto mais as coisas mudam, mais são as mesmas’”: autoproclamado adepto da filosofia da práxis, apontava Gramsci, Barbagallo não era outro que não um insípido compilador (Q 16, p. 1848).

¹⁸ Sobre a escola econômica turinense recomendo Marchionatti (2009) e Marchionatti; Becchio (2005).

O lorianismo, portanto, havia assumido uma forma específica no fascismo, como demonstrava exemplarmente o católico Giuseppe Attilio Fanelli, que denegria incansavelmente a modernidade capitalista, contrapondo-a a um modo artesanal sereno e mais adequado ao espírito italiano, sem perceber a contradição de suas afirmações. A nostalgia de Fanelli, de fato, e o ideal da nação armada, difuso e sustentado pelo regime, não poderiam estar juntos, se não renunciado a qualquer forma de lógica: “Não se pode pensar em armas e navios de guerra construídos por artesãos ou vagões movimentados por bois”, notava Gramsci, “[...] os grupos intelectuais que exprimiam este lorianismo na verdade não se importavam apenas com a lógica, mas com a vida nacional, com a política e tudo mais.” (Q 28, p. 2335). Eram mais escassas, porém incisivas, as notações sobre as “estranhezas” e “ausências” (Q 28, p. 2327) do ex-sindicalista Paolo Orano (1875-1945), assim como as considerações sobre Benito Mussolini, não elencado como *part entière* na corrente do lorianismo, mas vítima do malgrado de Loria intérprete de Marx. Na obra *Dottrina del fascismo*, redigida com a contribuição decisiva de Gentile em benefício da *Enciclopedia Italiana*, o chefe do governo havia contestado a concepção materialista da história seguindo uma interpretação muito simplista, que acusava de ler a evolução da sociedades humanas sobre a base dos fatores econômicos¹⁹. Surpreendentemente, contudo, uma crítica similar poderia ser endereçada a Croce. Mesmo que tivesse representado uma das poucas vozes dissonantes nos anos mais obscuros do regime, Gramsci não esquecia que a interpretação da concepção materialista da história do filósofo napolitano era redutiva tanto quanto aquela oferecida por Loria. A ideia da filosofia da práxis como um cânone de interpretação histórica destinada a valorizar os movimentos estruturais, trazia, na verdade, o mesmo defeito do “economicismo”: “Se Loria for despojado de todas as suas bizarrices estilísticas e irregularidades fantasmagóricas (e, certamente, muito daquilo que é característico de Loria é assim perdido) se vê que ele se aproxima de Croce no núcleo mais sério de sua interpretação.” (Q 10, p. 1236).

¹⁹ A obra ressoava à “doutrina do materialismo histórico, segundo a qual a história das civilizações humanas se explicaria somente com o conflito de interesses entre os diversos grupos sociais e com a mudança dos meios e instrumentos de produção. Que as vicissitudes da economia – descobertas de matérias primas, novos métodos de trabalho, invenções científicas – tenham a sua importância, ninguém as nega, mas são insuficientes para explicar a história humana, excluir todos os outros fatores é um absurdo”: cfr. Mussolini (1932, p. 849), e a avaliação de Gramsci (Q 9, p. 1145).

Fenômeno não exclusivamente italiano, o lorianismo apareceu também no caminho alemão para o Terceiro Reich, produto de uma cultura – Gramsci pensava certamente ao pensamento *völkisch*, com o seu propenso racismo, espírito hierárquico, ressoando os mitos dos antigos Germânicos – que foi afirmado passo a passo até se tornar cultura de Estado. De resto, o lorianismo encontrava terreno fértil nos contextos políticos e sociais nos quais houvesse menos “minas críticas” construídas ao longo do tempo: não era por acaso, então, que os exemplos principais envolvessem a Itália e a Alemanha, que chegou tardiamente à unificação nacional e à integração no mundo moderno, embora com muitas diferenças de desenvolvimento. Em condições extraordinárias (Gramsci pensava nas revoluções do pós-guerra e na reação fascista e nazista), foi “[...] fácil aos Lorias, apoiarem-se em forças interessadas, transbordarem cada mina e afundar por décadas um ambiente de civilização intelectual ainda débil e frágil.” (Q 28, p. 2326).

Individualizada a doença, Gramsci se interrogou sobre as possibilidades de remediá-la, lançando luz sobre as razões do sarcasmo desdenhoso com qual havia enfrentado Loria em seus primeiros escritos, antes do cárcere:

Como reagir? A melhor solução seria a escola, mas é solução de longa espera [...]. Ocorre, portanto, combater momentaneamente a “fantasia” com os tipos “grandiosos” de hilotismo intelectual, criar aversão “instintiva” para a desordem intelectual, acompanhando-a com o senso do ridículo, que, como foi visto em outros campos, pode-se obter, também com certa facilidade, porque o bom senso deve ser despertado por um tiro, como um relâmpago que destrói o efeito do ópio intelectual. Esta aversão é ainda pouco, mas é já a premissa necessária para instaurar uma ordem intelectual indispensável: talvez seja o meio pedagógico indicado para a sua importância. (Q 28, p. 2331).

Omitindo quanto na proposta gramsciana ressinta de influências comportamentais – a intervenção pedagógica parece, de fato, dever-se basear sobre um tipo de reflexo condicionado -, esta nota levantava problemas de ordem geral, com respeito ao papel de absoluta importância atribuído aos intelectuais no dirigir os processos de compreensão e

transformação do mundo²⁰. Tratava-se de uma função crucial que exigia grande responsabilidade, o que Gramsci – propondo uma correlação aparentemente arbitrária – colocava junto à deterioração intelectual representada pelas diversas formas de lorianismo e sua negligência ética: “A falta de sobriedade e de ordem intelectual acompanha muito frequentemente a desordem moral” (Q 28, p. 2331). Manifestava desta forma a firme convicção de que para assumir tarefas grandes e terríveis, seria necessária uma firmeza moral em grau de não se abater “frente aos piores horrores” e de não se exaltar diante de “cada absurdo”. Em outras palavras, a disciplina intelectual que predicava estava contida em sua célebre fórmula, que foi de Romain Rolland: “pessimismo da inteligência, otimismo da vontade” (Q 28, p. 2331-2332).

A centralidade do intelectual como organizador da hegemonia emergia também de uma outra consideração: para Gramsci, o lorianismo sempre se esconde onde faltam os anticorpos da crítica, onde a opinião pública é desligada, silenciada ou censurada. Se é verdade que na sociedade “pós-moderna o lorianismo é elevado a norma”,²¹ a categoria não perdeu hoje o seu potencial explicativo e esclarecedor. Não é certamente no *Pulcinellaland*, o país de Pulcinella, para usar e expressão de Engels revocada pelo próprio Gramsci, que “[...] proclama em voz alta a liberdade e a ordem, e treme a cada palavra estridente, a cada afirmação teórica de princípio.” (GRAMSCI, 1919, p. 182)²².

²⁰ Referindo-se a intelectuais como Loria, tão escutados pela opinião pública em razão do prestígio que desfrutavam e não certamente pela parte de verdade que ajudavam a esclarecer, Gramsci escreveu em 1918 em um artigo intitulado *Bolchevismo intelectual*: “A polêmica estrita e pessoal, ainda que pareça exagerada, tem sempre um valor educativo: destruir a idolatria, habituar a dar maior importância às coisas que às palavras, habituar a controlar tudo, também as palavras dos cientistas”. *Bolscevismo intellettuale*. In: *Avanti!*, edizione piemontese, 16 de maio de 1918 (GRAMSCI, 1958, p. 226).

²¹ “São muito mais numerosas as formas nas quais se manifesta o novo lorianismo, em comparação ao passado: o fingimento do *talkshow* dos intelectuais, a despolitização da inteligência, o interesse teórico indiferenciado sobre qualquer produção cultural, em suma, um tipo de abolição dos limites disciplinares, que reduz a filosofia, a sociologia, a etnologia, a linguística e a estética a uma única e transbordante mistura de lugares comuns, de teses sem fundamento e de metáforas não convencionais. Seria necessário poder entender e criticar tudo isto” (REITZ, 1997, p. 212-213).

²² GRAMSCI, Antonio. *Il paese di Pulcinella*. In: *Avanti!*, edizione piemontese, 30 de janeiro de 1919 (GRAMSCI, 1967).

REFERÊNCIAS

- AGOSTI, Aldo. *Palmiro Togliatti*. Torino: UTET, 1996. Ristampa con il titolo *Togliatti. Un uomo di frontiera*, ivi, 2003; tr. inglese *Palmiro Togliatti. A Biography*. London/New York: I.B. Tauris, 2008.
- ALLOCATI, Antonio. *Introduzione a Carteggio Loria-Graziani (1888-1943)*: a cura di A. Allocati. Roma: Ministero per i Beni culturali e ambientali, 1990.
- BARBANO, Filippo. Achille Loria e le scienze sociali del suo tempo. In: D'ORSI, A. (A cura di). *Achille Loria*. Torino: Il Segnalibro, 2000. p. 1-33.
- BIANCOTTO, Bernard. *La pensée politique de Guglielmo Ferrero*. Aix-en-Provence: Presses Universitaires d'Aix-Marseille, 1994.
- BORTONE, Alessandro. Ardigò Roberto. In: DIZIONARIO Biografico degli Italiani. Roma: Istituto della Enciclopedia Italiana, *ad vocem*, 1962. v. 1.
- BRAVO, Gian Mario. *Marx ed Engels in Italia: la fortuna gli scritti le relazioni le polemiche*. Roma: Editori Riuniti, 1992.
- CROCE, Benedetto (1896). Le teorie storiche del prof. Loria. In: *Edizione nazionale delle opere di Benedetto Croce*. Saggi filosofici IV, Materialismo storico ed economia marxistica, a cura di M. Rascaglia e S. Zoppi Garampi. Napoli: Bibliopolis, 2001, pp. 35-65.
- D'ORSI, Angelo. *Premessa a Achille Loria*. A cura di A. d'Orsi. Torino: Il Segnalibro, 2000a.
- D'ORSI, Angelo. Gruppo di professori e allievi in un interno. Achille Loria nella facoltà giuridica torinese. In: D'ORSI, A. (A cura di). *Achille Loriai*. Torino: Il Segnalibro, 2000b. p. 81-116.
- D'ORSI, ANGELO. *Achille Loria*. A cura di A. d'Orsi. Torino: Il Segnalibro, 2000c.
- D'ORSI, ANGELO. Un primo della classe. La formazione torinese di Palmiro Togliatti. In: GUALTIERI, Roberto; SPAGNOLO, Carlo; TAVIANI, Ermanno (A cura di). *Togliatti nel suo tempo*. Roma: Carocci, 2007. p. 22-52.
- EINAUDI, Luigi. *Bibliografia di Achille Loria*. Supplemento a «La Riforma Sociale», XXXIX, v. XLIII, n. 5, sett./ott, 1932.
- ENGELS, Friedrich (1894). Prefazione a K. Marx. In: *Il capitale*. Critica dell'economia politica. Libro terzo. Il processo complessivo della produzione capitalistica. Tradução italiano Maria Luisa Boggeri. Torino: Einaudi, 1975. p. 3-26.

- FAUCCI, Riccardo; PERRI, Stefano. Achille Loria: la visione e l'analisi economica. In: D'ORSI, A. (A cura di). *Achille Loria*. Torino: Il Segnalibro, 2000. p. 35-79.
- FAUCCI, Riccardo. *Revisione del marxismo e teoria economica della proprietà in Italia, 1880-1900*: Achille Loria (e gli altri). Milano: Giuffrè, 1978.
- FAUCCI, Riccardo. *Luigi Einaudi*. Torino: UTET, 1986.
- FAVILLI, Paolo. *Il socialismo italiano e la teoria economica di Marx (1892-1902)*. Napoli: Bibliopolis, 1980.
- FIOROT, Dino. Antonio Labriola e il «caso» Loria. In: GHIBAUDI, Silvia Rota; BARCIA, Franco (Ed.). *Studi politici in onore di Luigi Firpo*. Milano: FrancoAngeli, 1990. v. III, p. 669-682.
- GIACHERI FOSSATI, Luciana. Un'amicizia nel tempo. Giovinezze parallele di Achille Loria ed Enrico Ferri. In: D'ORSI, A. (A cura di). *Achille Loria*. Torino: Il Segnalibro, 2000. p. 215-244.
- GRAMSCI, Antonio. *Scritti giovanili*. Torino: Einaudi, 1958.
- GRAMSCI, Antonio. *Sotto la mole*. Torino: Einaudi, 1960.
- GRAMSCI, Antonio. *Scritti politici*. A cura di Paolo Spriano. Roma: Riuniti, 1967.
- GRAMSCI, Antonio. *Scritti 1915-1921*. A cura di Sergio Caprioglio. Milano: I quaderni de "Il corpo", 1968.
- GRAMSCI, Antonio. *Per la verità*. Scritti 1913-1926. A cura di Renzo Martinelli, Roma: Riuniti, 1974.
- GRAMSCI, Antonio. *Quaderni del carcere*. A cura di Valentino Gerratana. Torino: Einaudi, 1975. 4 v.
- LORIA, Achille. *La rendita fondiaria e la sua elisione naturale*. Milano: Hoepli, 1880.
- LORIA, Achille. Karl Marx. *Nuova Antologia*, Firenze, fasc. 7, n. 1, p. 510-542, apr. 1883.
- LORIA, Achille. La théorie de la valeur de Karl Marx. À M. le rédacteur du Journal des économistes. *Journal des économistes*, Paris, t. XXVIII, 4^o serie, n. 10, p. 137-139. ott. 1884.
- LORIA, Achille. *Analisi della proprietà capitalista*. Torino: Bocca, 1889. 2 v.

LORIA, Achille. L'opera postuma di Karl Marx. Nuova antologia, 1° febbraio, 1895. In: LORIA, Achille. *Marx e la sua dottrina*. Milano: Sandron, 1902. p. 71-149.

LORIA, Achille. *La costituzione economica odierna*. Torino: Bocca, 1899.

LORIA, Achille. Verso la giustizia sociale (Idee, battaglie ed apostoli), vol. II, *Nell'alba di un secolo (1904-1915)*. Milano: Società Editrice Libreria, 1915.

LORIA, Achille. *Carlo Marx*. Genova: Formiggini, 1916.

LORIA, Achille. *Ricordi di uno studente settuagenario*. Bologna: Zanichelli, 1927.

MARCHIONATTI, Roberto; BECCHIO, Giandomenica (a cura di). La scuola di economia di Torino. Torino: Celid, 2005.

MARCHIONATTI, Roberto. Achille Loria, "Italian correspondent of the Royal Economic Society". In: D'ORSI, A. (A cura di). *Achille Loria*. Torino: Il Segnalibro, 2000. p. 305-328.

MARCHIONATTI, Roberto. *La scuola economica di Torino: co-protagonisti ed epigoni*, a cura di R. Marchionatti. Firenze: Olschki, 2009.

MARX, Karl. ENGELS, Friedrich. *Corrispondenza con italiani (1848-1895)*. A cura di Giuseppe del Bo. Milano: Feltrinelli, 1964.

MARX, Karl. Prefazione alla prima edizione (1867). In: MARX, K. *Il capitale*. Critica dell'economia politica, Libro primo, Il processo di produzione del capitale, tr. it. di Delio Cantimori. Torino: Einaudi, 1975, p. 03-08.

MATTEUCCI, Nicola. *Antonio Gramsci e la filosofia della prassi*. Milano: Giuffrè (prima ed. 1951), 1977.

MONTELEONE, Renato. *Filippo Turati*. Torino: UTET, 1987.

MUSSOLINI, Benito. Dottrina del fascismo. In: *Enciclopedia italiana di scienze, lettere e arti*. Roma: Istituto dell'Enciclopedia italiana, 1932. v. XIV, p. 847-851.

POTIER, Jean-Pierre. *Lectures italiennes de Marx*. Les conflits d'interprétation chez les économistes et les philosophes 1883-1983. Lyon : AGOSTI, ALDO, 1986.

RUBEL, Maximilien. Introduction a K. Marx, *Œuvres*. In: RUBEL, M. (A cura di). *Économie II*. Paris: Gallimard, 1968, p. XVII-CXXVII.

SCAVINO, Marco. "O perché Achille Loria non verrebbe dunque con noi?" Appunti su Loria e il socialismo italiano (1880-1905). In: D'ORSI, A. (A cura di). *Achille Loria*. Torino: Il Segnalibro, 2000. p. 191-213.

REITZ, Tilman. Lorianismus, Kulturindustrie und Postmoderne. Dimensionen eines gramscianischen Nebenbegriffs. *Das Argument*, v. XXXIX, n. 219, 1997, p. 203-214.

TREVES, Piero. Ferrero Guglielmo. In: DIZIONARIO Biografico degli Italiani. Roma: Istituto della Enciclopedia Italiana, *ad vocem*, 1997. v. XLVII.

VAREJÃO, Marcela. Il trionfo delle “idee medie”. La presenza di Achille Loria in Sudamerica. In: D’ORSI, A. (A cura di). *Achille Loria*. Torino: Il Segnalibro, 2000. p. 329-378.